

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA - UFDPAr CURSO DE
BACHARELADO EM TURISMO**

THAMIRES OLIVEIRA MATIAS

**PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA DOS JOVENS NA RESERVA EXTRATIVISTA
MARINHA DO DELTA DO PARNAÍBA: Relatos de lideranças locais**

PARNAÍBA

2021

THAMIRES OLIVEIRA MATIAS

**PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA DOS JOVENS NA RESERVA EXTRATIVISTA
MARINHA DO DELTA DO PARNAÍBA: Relatos de lideranças locais**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr como requisito parcial à obtenção do título de bacharel.

Orientador: Prof. MSc. Vinicius Boneli Vieira.

PARNAÍBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Delta do Parnaíba
Biblioteca Prof. Cândido Athayde Serviço
de Processamento Técnico

M433p Matias, Thamires Oliveira

A participação comunitária dos jovens na Reserva Extrativista Marinha do Delta do Parnaíba: relatos de lideranças locais [recurso eletrônico] / Thamires Oliveira Matias. – 2021.

1 Arquivo em PDF.

TCC (Bacharelado em Turismo) – Universidade Federal do Delta do Parnaíba, 2021.

Orientação: Prof. MSc. Vinícius Boneli Vieira.

1. Juventude - Processo Participativo. 2. RESEX Marinha do Delta do Parnaíba. 4. Turismo Comunitário. 4. Cajueiro da Praia, PI.
I. Título.

CDD: 338.479 1



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM TURISMO
Av. São Sebastião, 2819. Bairro Reis Velloso. Parnaíba. Piauí. Brasil, CEP
64.2020-020, Telefone: (86) 3323-5299

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Foi realizada na terça-feira, dia vinte e três de dois mil e vinte e um, em modo remoto, a Banca de **Trabalho de Conclusão de Curso**, na modalidade artigo, da discente **Thamires Oliveira Matias**, do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr, tendo como componentes o Prof. MSc. Vinicius Boneli Vieira (orientador), o Prof. Dr. Luiz Antonio de Oliveira, e o Prof. Dr. Solano de Souza Braga, com o tema: **PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA DOS JOVENS NA RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DO DELTA DO PARNAÍBA: Relatos de lideranças locais**, sendo a acadêmica APROVADA pela banca examinadora. Não havendo mais nada a tratar, foi lavrada por mim, Vinicius Boneli Vieira, Professor/Orientador da Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, a presente ata e assinada pelos demais professores membros da banca.

Parnaíba, 23 de novembro de 2021.

Prof. MSc. Vinicius Boneli Vieira
Professor da Disciplina de Conclusão de Curso - Orientador

Membro da Banca Examinadora

Solano de Souza Braga
Curso de Turismo UFDPAr
SIAPE 1170956

Membro da Banca Examinadora

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. ATIVIDADE EXTRATIVISTA COMO ASPECTO SOCIOCULTURAL.....	2
3. A PARTICIPAÇÃO DA JUVENTUDE NA RESEX.....	4
4. ÁREA DE ESTUDO	6
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	7
6. ANÁLISE E RESULTADOS DA PESQUISA	8
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
REFERÊNCIAS.....	17

A PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA DOS JOVENS NA RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DO DELTA DO PARNAÍBA: Relatos de lideranças locais.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o interesse dos jovens e adultos em atuar no processo participativo na gestão da Reserva Extrativista (RESEX) Marinha do Delta do Parnaíba. O estudo é considerado exploratório, com abordagem qualitativa. Utilizou-se como técnica de coleta de dados a aplicação de entrevistas remotas semiestruturadas com os presidentes e lideranças das cinco comunidades (Caiçara, Canárias, Morro do Meio, Passarinho e Torto) localizadas na Resex. Mediante os resultados alcançados é perceptível a importância da implementação de novas ferramentas participativas com o intuito da juventude ter um maior envolvimento nos processos de participação.

Palavras-chave: Juventude, Lideranças, Processo Participativo, Resex Marinha do Delta do Parnaíba, Turismo Comunitário.

COMMUNITY PARTICIPATION OF YOUTH IN THE PARNAÍBA DELTA MARINE EXTRACTIVE

RESERVE: Reports from local leaders.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the interest of young people and adults in acting in the participatory process in the management of the Marine Extractive Reserve (RESEX) of the Parnaíba Delta. The study is considered exploratory, with a qualitative approach. As a data collection technique, semi-structured remote interviews were used with the presidents and leaders of the five communities (Caiçara, Canárias, Morro do Meio, Passarinho and torto) located in RESEX. Through the results achieved, the importance of implementing new participatory tools is noticeable with the aim of the young people to have a greater involvement in the participation processes.

Keywords: Youth, Leaderships, Participatory Process, Marine Resex of the Parnaíba Delta, Community Tourism.

PARTICIPACIÓN COMUNITARIA DE JÓVENES EM LA RESERVA EXTRACTIVA MARINA DELTA

DE PARNAÍBA: Informes de líderes locales.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar el interés de jóvenes y adultos por actuar en el proceso participativo en la gestión de la Reserva Marina Extractiva (RESEX) del Delta del Parnaíba. El estudio se considera exploratorio, con enfoque cualitativo. Como técnica de recolección de datos, se utilizaron entrevistas remotas semiestruturadas con los presidentes y líderes de las cinco comunidades (Caiçara, Canárias, Morro do Meio, Passarinho y Torto) ubicadas en Resex. A través de los resultados alcanzados, se nota la importancia de implementar nuevas herramientas participativas con el objetivo de que los jóvenes tengan una mayor implicación en los procesos de participación.

Palavras-clave: Juventud, Liderargo, Proceso Participativo, Parnaíba Delta Marina Resex, Turismo Comunitário.

1. INTRODUÇÃO

A participação da juventude na implementação de ações, programas e projetos tem ganhado destaque no âmbito acadêmico, social e local. Dessa forma, o estudo aborda a importância da participação da juventude nas atividades sociais, ações e projetos na Resex.

A pesquisa percorre pela Reserva Extrativista Marinha do Delta do Parnaíba, com isso pode-se perceber diversas questões ambientais, econômicas, culturais e sociais que envolvem os cenários de vida nas Unidades de Conservação.

As comunidades existentes na região do Delta do Parnaíba são retratos de vidas tradicionais da região e de seus costumes e tradições. Das atividades existentes em comunidades tradicionais é possível visualizar a presença de pescadores, artesãos, catadores de caranguejo, coletores de ostras e mariscos que vivem em constante contato e integrados à natureza.

Mesmo sendo, muitas vezes, ambiente de moradia humana, existe uma preocupação de cunho sustentável no que diz respeito à composição ambiental desses locais. No decorrer da pesquisa, o estudo buscou compreender como acontece a participação de jovens e adultos. Com relatos de lideranças locais que relatam como esse aspecto vem sendo desenvolvido nas comunidades locais.

O que se pretende discutir é a relevância dos aspectos presentes nas vivências das Reservas Extrativistas, na passagem de costumes e tradições de uma geração para outra, e evidenciar os aspectos e influências da presença e do protagonismo dos jovens nas regiões extrativistas. Tendo em vista as questões ambientais das Reservas Extrativistas é pertinente discutir e entender a evolução das sociabilidades nessas regiões a partir da passagem de geração aos jovens, que herdaram além dos costumes e as formas de trabalho, a responsabilidade de continuidade das atividades na comunidade além da influência na gestão local.

A presente pesquisa parte da problemática da falta de participação de jovens extrativistas nas deliberações de gestão e em atividade, portanto, a pesquisa pretende responder aos seguintes questionamentos: de que forma os jovens estão inseridos no processo de participação e como acontece o processo de capacitação de jovens e adultos?

Desse modo, a pesquisa tem como objetivo analisar o interesse dos jovens e adultos em atuar no processo participativo na gestão da Reserva Extrativista Marinha do Delta do Parnaíba. Os objetivos específicos são: (1) mapear a rede de presidentes e lideranças nas comunidades da RESEX; (2) verificar o interesse dos jovens nas ações da comunidade; (3) caracterizar as atividades extrativistas e sociais exercidas pelos jovens e adultos.

2. ATIVIDADE EXTRATIVISTA COMO ASPECTO SOCIOCULTURAL

Sob uma perspectiva geral, pode-se salientar o presente tema a partir da definição popular, em uma abordagem empírica, com fundamento científico, do conceito de cultura. Ao entender as construções sociais de conceitos como uma articulação da “visão de mundo”, compreende-se a sistematização de interpretações da realidade percebida pelos indivíduos, em sociedade, em determinado cenário de vivência. Ao conferir uma definição, todavia, formal, ao conceito de “visão de mundo”, Palmeira e Gewehr (2015) configuram a expressão como o conjunto de ideias e crenças que norteiam o modo como os indivíduos interpretam o mundo, tal definição advém de uma expressão de origem alemã, *Weltanschauung*, que se refere ao modo como é percebida a realidade.

Baseado em evidência sócio-histórica relacionada ao que discute esta proposta, pode-se apresentar como exemplo as passagens de Chico Mendes, onde o mesmo expressa suas expectativas e percepções embasado pelo relato de vivência própria e de seringueiros da região Amazônica. Ao suscitar “Nós, os seringueiros, não queremos transformar a Amazônia num santuário, o que nós não queremos é a Amazônia devastada. [...] nós começamos a apresentar a proposta alternativa para a conservação da Amazônia.” (Mendes, 1990).

O fragmento demonstra o interesse e a preocupação da comunidade no estabelecimento das reservas extrativistas como uma potencialidade de preservação ambiental, como se segue no trecho: “Nós temos certeza que, com a criação das Reservas Extrativistas, a Amazônia num prazo de dez anos se transformará numa das regiões economicamente viáveis, tanto para o Brasil como para o mundo” (Mendes, 1990).

Neste sentido, Chico Mendes, reforça a importância e viabilidade das reservas, e une a vivência popular e cultural dos seringueiros à necessidade socioambiental da prática de preservação. O relato popular desta liderança, reflete a “visão de mundo” dos seringueiros e marca o contexto cultural dos trabalhadores e das populações tradicionais, e culmina com novas percepções científicas das realidades ambientais.

Logo, sob uma observação sócio-histórica, a cultura envolve aspectos imateriais como as crenças, ideais, valores e, de forma tangível (ou material), os objetos, símbolos e a própria tecnologia (Giddens, 1991). A cultura serve como base social aos indivíduos e é, deste modo especial, utilizada como referência na categorização de populações, sendo estas ligadas a direitos e deveres em um amplo âmbito de evolução social com aqueles com quem convivem (Silva, 2017). Outro ponto relevante que caracteriza a cultura é a tradição, que ainda segundo Giddens (1991), é o direcionamento para o passado, de forma que, neste sentido, o passado constitui-se de influência para o presente. Assim, a tradição integra a comunidade e, em paralelo, retoma o passado para dar significado às vivências contemporâneas (Silva, 2017).

Neste sentido, a cultura popular de povos que vivem em regiões características, como as reservas extrativistas, tem referência ligada aos componentes da natureza (Cunha, 2010 & Silva, 2017). É relacionável, então, o conceito de comunidades tradicionais e a vivência de

populações que residem no ambiente das Reservas Extrativistas para assim definir o que vem a ser as comunidades extrativistas de modo geral. Pode-se ressaltar que as comunidades tradicionais se formam no ínterim da dinâmica dos fenômenos que acontecem em determinado espaço. Ligando-se, neste sentido, ao movimento que fomentou a constituição das primeiras Reservas Extrativistas no Brasil.

Tal movimento foi preconizado pelos relatos científicos de pesquisadores que buscavam uma solução para conflitos socioambientais e fundiários que se davam na região do estado do Acre nos anos de 1980. Já na década de 1990, Diegues (1996) estabelece uma projeção característica sobre a cultura das sociedades tradicionais e é perceptível a íntima relação dos indivíduos e os objetos de ordem natural, que tanto embasam quanto são ambientes de prática de trabalho e do conhecimento dos habitantes da região.

Dentre as características gerais, destacam-se nesta discussões, dimensões culturais e organizacionais que formam o ambiente da comunidade popular em reservas extrativistas, sendo “[...] dependência e até simbiose com a natureza, os ciclos naturais e os recursos naturais renováveis a partir dos quais se constrói um modo de vida” (Diegues, 1996, p. 89), bem como questões inerentes ao conhecimento como o “[...] conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais. Esse conhecimento é transferido de geração em geração por via oral [...]” (*Op Cit*).

E, ainda sobre a consciência na relação com o ambiente em que convivem, o autor destaca a “noção de território ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente”, incluindo a questão tradicional da “moradia e ocupação desse território por várias gerações, ainda que alguns membros individuais possam ter-se deslocado para os centros urbanos e voltado para a terra de seus antepassados” (Diegues, 1996, p. 89).

Na questão sócio-política, a definição de população tradicional se envolve de maneira direta com a essência formadora e modeladora das Reservas Extrativistas. O conceito de Reserva Extrativista é sustentado pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), criado a partir do Decreto Lei nº. 9.985, de 18 de julho de 2000, e que institui a Reserva Extrativista como “uma área utilizada por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte” (Brasil, 2000, art. 18). Assim, os objetivos básicos desta categoria de unidade de conservação reforçam a proteção dos moldes culturais e de vida das populações da região.

A primeira definição legal de Reserva Extrativista foi dada pelo Decreto nº. 98.897, de 30 de janeiro de 1990 (Silva, 2017). Este decreto definiu, dentre outras caracterizações, as Reservas Extrativistas “como espaços territoriais destinados à exploração autossustentável e conservação dos recursos naturais renováveis, por população extrativista”. As reservas extrativistas, ou as RESEX, são uma configuração de unidades de conservação, seguindo a regência do SNUC, ou seja, são espaços voltados ao uso autossustentável de recursos naturais (Vasconcellos & Melo, 2019, p. 01).

A partir deste marco das Reservas Extrativistas, assim como no fortalecimento das políticas de proteção das populações tradicionais, surgem diversos movimentos para manutenção das práticas tradicionais e incentivo de novas lideranças para a gestão destes territórios. Porém, é notório também que os sistemas tradicionais de acesso a espaços e recursos de uso comum seguem sendo ameaçados por um processo de incorporação destes territórios em razão da expansão das cidades, das indústrias e serviços e da fronteira agrícola. No caso das regiões costeiras, as pressões são ainda maiores, e no Brasil se desenvolvem a partir dos anos de 1950 a 1970 (Diegues, 1996).

A implantação das áreas protegidas, e a transformação da propriedade estatal, nos territórios tradicionais também contribuíram para os interesses imobiliários, madeireiros, mineração, entre outras atividades exploratórias, e fundamentalmente para o severo impedimento de algumas práticas já realizadas pelos habitantes tradicionais. Aqueles que ficam impossibilitados de continuar em seu modo de vida tradicional, acabam sendo obrigados a migrar, favorecendo para o processo de favelização das cidades costeiras (Vieira, 2021).

Neste contexto, a presente discussão observa o fator social como ponto norteador da vivência nas RESEX, e também demonstra a apreciação cultural como configuração de costumes no local. Tendo em vista as evoluções e adaptações por qual passaram a sociedade, é pertinente entender o conceito de juventude e qual a projeção desse grupo etário, enquanto representação de novas lideranças para gestão dos territórios tradicionais e manutenção dos aspectos sociais, culturais e existenciais das RESEX.

3. A PARTICIPAÇÃO DA JUVENTUDE NA RESEX

No ano de 2021, foi registrado no Brasil 95 reservas extrativistas. Destas, 66 unidades federais e outras 29 estaduais (Brasil, 2019). Neste sentido, ainda no cenário contemporâneo das RESEX é observável uma preocupação em relação à evolução social ou mesmo da passagem de gerações na composição da população extrativista que atua nas reservas (Silva; Silva & Yamada, 2019).

Logo, ressalta-se a sucessão para uma nova geração. O processo existencial desses territórios, deverá, neste caso, se basear na oferta de condições socioeconômicas para efetivar a atuação de jovens para que eles permaneçam na região extrativista e tenham acesso a uma formação que garanta a continuidade cultural efetiva, levando em consideração os moldes econômicos e de vida, de modo a concretizar o modelo de economia sustentável (Silva; Silva & Yamada, 2019).

Tal cenário confere aos jovens a responsabilidade de assumir o protagonismo na gestão organizativa e funcional das reservas como seus pais e avós já vêm desempenhando (Silva; Silva & Yamada, 2019). Neste intento, busca-se discutir a presença dos jovens extrativistas e sua atuação social nas RESEX e, nesse sentido, a pesquisa reforça brevemente a caracterização da

juventude frente à sociedade contemporânea. Essas participações e atuações dentro da comunidade podem ocorrer em debates ou ações executadas por eles. De acordo com Sander (2010, p. 6), a princípio essas ações de participação podem acontecer de forma simplificada:

A participação pode, assim, começar com um simples debate, com uma troca de informações e ações, e não acontecer necessariamente em espaços explicitamente políticos, mas também em espaços sociais, culturais, econômicos, ecológicos, etc. Embora ela geralmente se inicie motivada por questões práticas e imediatas como as citadas, ela certamente é muito mais do que isso, uma vez que ela tende a desenvolver nos indivíduos que dela participam habilidades e capacidades, que influenciam as ações dessas pessoas nos mais diversos espaços sociais e políticos em que atuam.

A participação ampara e valoriza a juventude para permanecer em suas comunidades atuando e contribuindo de maneira significativa para o turismo, de forma que esses jovens não encontrem a necessidade de sair para trabalhar em outros lugares por falta de oportunidades. Tratar sobre a participação ainda é algo um tanto quanto polêmico e por ser desafiador, dinâmico e, até mesmo, transformador, segue como objeto de controvérsias e de etiquetamentos ideológicos (Sander, 2010), atualmente esse quesito participativo continua sendo um desafio ao qual é necessário lutar todos os dias para manter os projetos em continuidade. Esse processo de oportunidade precisa estar atrelado com projetos de capacitação e inclusão para esses jovens, além dos estudos tenham a possibilidade de conectar-se com a oportunidade de trabalhar dentro de sua comunidade e também participar ativamente das questões decisórias. Essa participação da juventude proporciona o desenvolvimento e engajamento em questões políticas e sociais, ambientais e locais. Assim:

A juventude e as novas gerações são cada vez mais reconhecidas como uma parcela da população fundamental para o processo de desenvolvimento de nações. Diversos programas têm sido empreendidos pelo Governo Federal para a formação de lideranças jovens e a valorização da juventude, dentre eles o Programa Juventude e Meio Ambiente (Brasil, 2006).

Ao buscar uma definição formal do que, de fato, vem a ser a juventude ou indivíduo “jovem”, surgem interpretações advindas de variados conceitos que envolvem desde a faixa etária até a dinâmica existencial social humana. Kinzel (2013) cita em seu estudo a opinião do Instituto Francês de Opinião Pública (IFOP), que define como jovem aquele(a) que está no intervalo etário de 18 a 30 anos, e a Organização das Nações Unidas (ONU) que atua na faixa de 15 a 24 anos.

De acordo com Kinzel (2013), como se segue, a juventude é designada um estado transitório, uma fase da vida humana de começo bem definido pelo aparecimento da puberdade; o final da juventude varia segundo critérios e os pontos de vista que se adote para determinar se as pessoas são “jovens”, ou seja a juventude não é entendida apenas como um momento temporário da vida, mas engloba também os indivíduos que vivem tal fase.

Em contradição com ambientes de pesquisa e definições de políticas públicas que determinam certa idade para definir o termo “jovem”, e em consonância com a UNESCO, Kinzel (2013) cita em seus estudos as discussões de Carneiro & Castro (2007) que estabelecem a

juventude como uma “categoria demográfica” não, necessariamente, limitada à passagem de fases da vida. Deste modo, se desvincula da interpretação biológica do termo. Ainda, a autora apresenta uma projeção preocupante já na primeira década dos anos 2000, o crescimento acelerado das estatísticas de desemprego por parte dos jovens no país.

Tendo em vista o Brasil como um país que cobra a formalização do trabalho, torna-se essencial, por não terem acesso a formação específica aos olhos de classificadores, que os jovens sejam vistos como estudantes e este seja seu enquadramento funcional, seja o jovem de origem urbana ou rural. É notável o baixo incentivo social e político na atuação social de jovens no Brasil. Neste sentido, Carvalho (2018) apresenta uma discussão em que os jovens, “propriamente ditos”, ficam à margem da dinâmica das ações e debates sobre questões de direitos e cidadania. Neste sentido, um dos pontos a se ressaltar é a necessidade do enfrentamento ao comportamento que naturaliza o confinamento de jovens em crescer sem resposta de políticas que incentivem e promovam a participação.

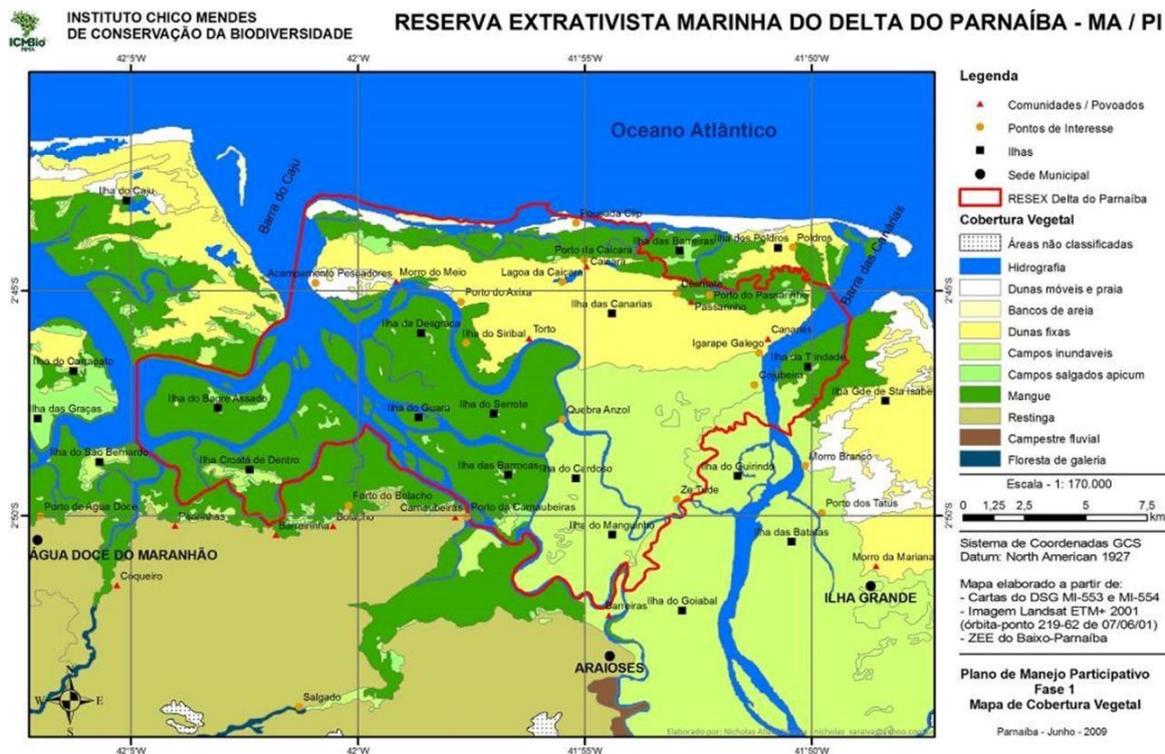
Logo, é pertinente incentivar os jovens, em nível nacional, em questões ambientais, participação e de educação que conscientizem de modo a colaborar em processos formadores de lideranças “sócio ambientalista - política e no fortalecimento da gestão de suas áreas de uso coletivo” (Carvalho, 2018).

4. ÁREA DE ESTUDO

A Reserva Extrativista Marinha do Delta do Parnaíba possui uma área de 27.022, 07 hectares que abrangem os estados do Maranhão e Piauí. O decreto de criação ocorreu no dia 16 de novembro do ano de 2000.

Essa unidade de conservação possui em seus arredores mais de 2.900 famílias que vivem nas cinco comunidades: Canárias, Caiçara, Morro do Meio, Passarinho e Torto (figura 1) com o objetivo de proteger a fauna e a flora presente no local. Esses moradores também praticam atividades tradicionais cata de marisco, ostra, pesca, cata do caranguejo, artesanato e outras atividades desenvolvidas por moradores locais (ICMBio, 2018).

Figura 01: Mapa da Resex Marinha do Delta do Parnaíba



Fonte: ICMBio (2009)

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de caráter exploratório, visto que o objetivo é levantar informações. De acordo com Gil (2002) pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses, inclui levantamentos bibliográficos e entrevistas. Nesse caso, a pesquisa utilizou-se do método indutivo. Conforme Lakatos e Marconi (2005, p. 53) “indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se de uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas”. Perante o exposto, reitera que o método teve como partida a observação e posteriormente, a descrição e análise de relatos.

A abordagem desenvolvida na pesquisa foi a qualitativa, visto que a mesma permite o estudo dos fenômenos que ocorrem em determinado grupo social, local e tempo. Diante disso, a abordagem indicada permitiu chegar ao objetivo de analisar o interesse dos jovens em atuar no processo participativo. Para Minayo, Deslandes e Gomes (2011, p. 21) [...] ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Utilizou-se como técnica de coleta de dados a aplicação de entrevistas remotas semiestruturadas com um roteiro com cinco (5) perguntas direcionadas para o entrevistado(a) com o propósito de compreender sobre o aspecto participativo, indagados também sobre o turismo comunitário nas

localidades. Os entrevistados foram compostos por presidentes e lideranças das cinco comunidades (Caiçara, Canárias, Morro do Meio, Passarinho e Torto) que se encontram localizadas na Resex Marinha do Delta do Parnaíba, atualmente essas lideranças encontram-se a frente das atividades de suas comunidades.

No decorrer da pesquisa foi analisado de maneira individual somente o conteúdo obtido por meio das entrevistas, sem hipótese de manipulação de respostas, respeitando o posicionamento dos entrevistados, impossibilitando qualquer alteração nas respostas obtidas com a aplicação do questionário. A coleta de dados consistiu na aplicação das entrevistas entre os meses de setembro a outubro de 2021. Utilizando-se das tecnologias da comunicação as entrevistas foram aplicadas por meio eletrônico (via WhatsApp), em decorrência da pandemia do Coronavírus (COVID-19) e impossibilitando a viabilidade de pesquisa no campo.

6. ANÁLISE E RESULTADOS DA PESQUISA

A pesquisa inicialmente buscou uma participação dos jovens, porém não obteve o retorno positivo na coleta de dados. Assim, para atingir os objetivos desta pesquisa, foi aplicado um roteiro de perguntas com os líderes adultos das comunidades que se encontram no interior da RESEX. Os(as) entrevistados(as) são residentes das comunidades Canárias, Morro do Meio, Passarinho, Caiçara e Torto, atualmente desempenham atividades extrativistas, como: cata do caranguejo, castanha, sururu, marisco, ostra, murici e a pesca.

Durante a coleta de dados observou-se, de modo geral, a pertinência de resposta retratando que a participação e o interesse dos jovens nas reuniões está cada vez menor, 80% dos líderes entrevistados disseram que os jovens não demonstram interesse em participar de reuniões e encontros que ocorrem nas comunidades (quadro 1).

Quadro 1: Participação e interesse dos jovens nas atividades e reuniões

ENTREVISTADO	RESPOSTA
Entrevistado 01	<i>“Não há uma participação dos jovens nas reuniões e encontros promovidos na comunidade, somente quando existe um curso ou projeto voltado para os jovens, caso contrário a procura e o interesse são poucos.”</i>
Entrevistado 02	<i>“Poucos jovens têm interesse nessa área e quando acontece reuniões o número de participações de jovens é pequeno, poucos buscam essas reuniões e mantêm um interesse.”</i>
Entrevistado 03	<i>“Os jovens não gostam muito de participar de reuniões, quando essas reuniões acontecem os jovens não comparecem.”</i>
Entrevistado 04	<i>“Os jovens gostaram de participar dos projetos que chegaram na comunidade, e houve até uma cobrança por parte desses jovens para serem informados a respeito de novos projetos</i>

Entrevistado 05	<i>“Já teve um interesse maior por parte dos jovens, com a tecnologia os jovens deixam de ir para encontros e reuniões para ficar nas redes sociais.”</i>
-----------------	---

Fonte: Pesquisa direta (2021).

Assim, foi possível perceber o aspecto da tecnologia como um dos fatores negativos, pois segundo os relatos, optam por ficar nas redes sociais virtuais e conseqüentemente, o número de participações em reuniões diminuiu. A internet enquanto inovação tecnológica tem mudado os modos de relação social e, resulta em novas formas de ações, produção de atividades, novos formatos para desenvolver projetos e ideias.

Para Almeida (2005, p. 71), estar na sociedade da informação não é apenas ter acesso às tecnologias da informação e comunicação (TICs), mas saber usá-la para buscar e selecionar informações que permitam resolver os “problemas do cotidiano, compreender o mundo e atuar na transformação de seu contexto”. No que se refere às possibilidades ligadas com TICs para as comunidades, destacam-se a ampliação das atividades, diversificação das ações com sugestões de inovações para esses encontros e fortalecer o elo da juventude dentro de sua comunidade, de forma que a tecnologia contribua para a ampliação, intensificação e a participação nos encontros.

Outro ponto destacado pelos entrevistados é a desmotivação por parte da juventude em participar das reuniões e em algumas comunidades essa participação vem diminuindo gradualmente. A participação por parte da juventude segundo relato das lideranças ocorre geralmente em atividades direcionadas para os jovens, sendo que reuniões e outras atividades não têm a participação ativa dentro das ações que ocorrem nas comunidades. O ato de participar está diretamente relacionado a uma ação, de fazer parte de uma determinada situação, porém é necessário compreender que esse ato também representa uma necessidade humana.

A participação pode ocorrer em diferentes níveis. Com esse aspecto é importante elucidar as finalidades dos trabalhos e atividades que se propõe a desenvolver, de modo através de reuniões, rodas de conversas e ações se torne viável a inclusão de jovens e adultos para participar de maneira colaborativa em ações e projetos para a comunidade. Tratando-se de uma inclusão que permita uma participação ativa dos jovens, o Diagnóstico Rápido Participativo Emancipador (DRPE), é uma metodologia que pode ser implantada na zona rural. Em concordância com Pereira e Little (2000, p.1), essa metodologia é descrita como:

Composta por uma conjugação de métodos e técnicas de intervenção participativa que permite obter informações qualitativas e quantitativas em curto espaço de tempo. Constitui um instrumento metodológico de identificação de problemas, suas causas e possíveis soluções a partir da interação dialógica entre os atores sociais [...].

De acordo com José Roberto (2017, p. 24), destacam-se os seguintes objetivos do DRPE:

- b. levantar informações de natureza qualitativa e quantitativa a fim de elaborar estratégias de ação para os próprios participantes;
- c. identificar limitações e potencialidades estruturais de organização dos participantes da ação.

Esse método tem como objetivo a conscientização dos participantes que permite o levantamento de informações para desenvolver estratégias para elaborar ações para a organização.

Com esses aspectos surgem possibilidades para discussões a respeito de inclusão de recursos para integrar novas ideias, divisão de funções, tecnologia e comunicação para inovar os encontros e fortalecer ações interligadas com o uso das mídias sociais para o fortalecimento das ações.

Os jovens podem usar as mídias sociais para divulgar os trabalhos que estão em desenvolvimento na Resex, como também trabalhos que já foram desenvolvidos e atividades sociais. Com o objetivo de usar essa tecnologia para agregar com o desenvolvimento local e divulgar o trabalho desenvolvido pelos moradores locais,

Na sequência, o quadro 2, foi analisado e discutido sobre capacitações e incentivos para que haja uma participação mais ativa na comunidade por parte da juventude local.

Quadro 2: Capacitações e incentivos aos jovens para uma participação ativa

ENTREVISTADO	RESPOSTA
Entrevistado 01	<i>“Sim, já teve cursos e projetos voltados para os jovens, somente quando o público-alvo são os jovens eles têm uma participação mais ativa”</i>
Entrevistado 02	<i>“Existe sim um incentivo, mas uma pequena minoria vai atrás e demonstra interesse nesses incentivos”</i>
Entrevistado 03	<i>“Não há muitos incentivos para eles.”</i>
Entrevistado 04	<i>“Que os cursos tenham continuidade pós pandemia, para que tenha uma procura por parte dos jovens. Que venham capacitações para todas as idades, pois quando esses cursos acontecem os jovens ficam bastante animados”</i>
Entrevistado 05	<i>“Teve/têm capacitações, projetos para que os jovens busquem ser mais engajados, já para reuniões e cursos o incentivo ainda é pouco. Os líderes vêm tentando buscar uma participação mais ativa desses jovens. Um ponto para ser citado é que “muitos jovens estão se deslocando da RESEX para estudos e trabalho nas cidades vizinhas, então a comunidade fica com um número reduzido de jovens.””</i>

Fonte: Pesquisa direta (2021).

No quadro exposto, os entrevistados relatam sobre os cursos desenvolvidos nas comunidades. Os participantes relatam sobre o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) conduzir o curso para condutor de pesca e turismo que foi desenvolvido nas comunidades da Resex. O Projeto Asas para o Delta, executado pela AMAR Delta (Associação Mãe das Associações da RESEX Marinha do Delta do Parnaíba) com o apoio da WWF Brasil, aplicou cursos, como: condutor de avistamento de fauna e flora, arte gráfica, inglês básico, curso para criação do site para RESEX que contou com a participação de vários jovens. O projeto teve cursos e oficinas destinados para todas as idades, com temáticas para educação, meio ambiente, jovem educador entre outros.

Diante disso foi possível observar o aspecto que uma minoria prosseguiu com atividades e cursos. Mediante essa afirmação, observa-se o fator da necessidade da implantação de políticas de desenvolvimento rural, para auxílio na continuidade dos projetos. A definição do que seja exatamente 'desenvolvimento rural' [...] tem variado ao longo do tempo, embora normalmente nenhuma das propostas deixe de destacar a melhoria do bem-estar das populações rurais como o objetivo final desse desenvolvimento [...] (Navarro, 2001, p. 88).

Essa perspectiva trazida por Navarro (2001) demonstra que o desenvolvimento rural está interligado com a melhoria do bem-estar. Com esse ponto pode destacar a importância do diálogo entre juventude e lideranças para que haja uma troca de ideais com organização das funções designadas para os jovens, dessa forma cada um terá como contribuir para que haja uma participação de todos e conseqüentemente, ocorra a continuidade dos projetos.

Esse diálogo entre juventude e lideranças podem ocorrer em reuniões com rodas de conversas com o intuito dos participantes se sentirem à vontade para expressar suas ideias e inquietações. A partir dessas conversas surgem ideias para a implementação de novas ações dentro da comunidade em que possa contar com a participação de todos.

Essas reuniões podem vir a resolver o fator de deslocamento da juventude que foi citado por um dos entrevistados. Um ponto que será abordado a seguir na análise.

Os deslocamentos que ocorrem entre campo e cidade são movidos em busca de melhorias. Essa mudança nem sempre é por desejo próprio, em alguns casos é uma necessidade. Segundo Galizoni e Ribeiro (2019, p. 2) "a mobilidade sempre fez parte da trajetória da população rural brasileira, principalmente de agricultores familiares", tendo relação com as questões estruturais e não apenas com escolhas individuais.

Os jovens deslocam-se de suas comunidades em busca de estudo e trabalho. Porém o vínculo com seu lugar de origem ainda permanece. Em certos casos esses jovens retornam em férias e feriados para estarem com suas famílias e em seu lugar. Há o fator da locomoção ter ligação com a busca por estudos e informações para a aplicação dessas ações no local em que cresceu.

No quadro 3, foi exposto sobre a visão dos entrevistados a respeito do turismo comunitário e como surgiu o interesse pela prática em cada comunidade.

Quadro 3: Turismo comunitário, surgimento e interesse

ENTREVISTADO	RESPOSTA
Entrevistado 01	<p><i>“O interesse maior eu creio que surgiu a partir do ponto de vista da gente observar né? Que esse turismo local ele não beneficia muito a Resex, ele é mais prejudicial, ele mais prejudica do que beneficia. Também surgiu através de um experimento aqui em nossa comunidade, de uns experimentos que foram feitos quando a gente tinha a antiga gestora da Resex que ela fez tipo um experimento em que alguns turistas que vieram e ficaram hospedados aqui na comunidade na casa de algumas pessoas. Aí isso começou a despertar o interesse das pessoas da comunidade pra querer trabalhar com o turismo de base comunitária e também porque ele é ótimo.”</i></p>

Entrevistado 02	<i>“Infelizmente não é tão forte, poucas pessoas que exercem isso, mas a cada ano que se passa vai aumentando um pouco. Surgiu a muitos anos atrás, de ver muitas pessoas visitando a Resex, principalmente o estrangeiro e tive essa curiosidade de passar aquilo que eu presenciei, aquilo que eu estou vivenciando e que outras pessoas viessem a conhecer esse lugar lindo.”</i>
Entrevistado 03	<i>“O turismo aqui não tem muito, porque não tem um ponto de apoio para servir melhor o turismo.”</i>
Entrevistado 04	<i>“Pra mim ficou mais essa parte, quando fomos para Canavieiras fazer uma vivência, aí fomos para lá e lá eles falaram muito sobre o turismo de base comunitária, e a gente foi recebido lá, dessa forma: as pessoas cederam seu espaço e a gente ficou três dias lá, e a partir desse dia eu já comecei a pensar por essa parte. Acredito que talvez já tenham pensado em outras comunidades, mas eu mesmo especificamente foi a partir daí.”</i>
Entrevistado 05	<i>“Então às vezes eu gosto até de brincar com essa sigla TBC que é o turismo de base comunitária, eu costumo dizer que é o trabalho burocrático das comunidades né? Mas, é um trabalho que a gente já desenvolvia, só que a gente não sabia porque antes a gente recebia em período de festejo parente, amigo de parente, pessoas que a gente não conhecia e a gente não cobrava hospedagem e alimentação, então de algum tempo pra cá a comunidade veio notando e observando até mesmo como necessidade. Pois a demanda, à procura de “ah, eu quero dormir” de pessoas que vão fazer pesquisa e vem surgindo o interesse. Hoje já tem uma boa parte das pessoas comunitárias que têm interesse em implantar o turismo de base comunitária, já acontece com algumas pessoas que fazem quando vai alguma pessoa fazer pesquisa ou reuniões que precisa ir em um dia e voltar no outro, às vezes a gente consegue essa hospedagem e alimentação. Mas, teve um tempo que a gente recebeu também um curso do PRONATEC, e eu lembro que teve de condutor de pesca e turismo, e aí esse curso influenciou muito né, para alguns comunitários fortaleceu mais ainda a vontade de implantar o TBC. E de certo tempo pra cá, a gente vem avaliando porque a gente quer implantar, mas também estamos preocupados com alguns danos que podem acontecer e não adianta a gente querer fazer uma atividade sem avaliar. Podemos dizer que esse processo está em avaliação. O interesse na prática surgiu porque como eu falei veio a demanda das pessoas a procura e também o pessoal viu como uma fonte de renda a mais, para ter mais qualidade de vida.</i>

Fonte: Pesquisa direta (2021).

As lideranças elencaram que o fator motivacional à prática do turismo comunitário dentro de suas respectivas comunidades foram vivências, experiências e a demanda com essa prática. Ficam subentendidos que as vivências em outras ocasiões com o turismo comunitário despertaram interesse que os envolvidos levassem essa ideia para aplicar em suas comunidades e a demanda por pesquisadores com a necessidade de pernoitar na localidade.

Para Coriolano (2009, p. 282) o turismo comunitário é “aquele em que as comunidades de forma associativa organizam arranjos produtivos locais, possuindo o controle efetivo das terras e das atividades associadas à exploração do turismo”. Dessa maneira, essa prática é desenvolvida pelos próprios moradores da comunidade local, articulando atividades, passeios e vivências dos próprios moradores. Os visitantes são motivados a conhecer esses lugares para obter uma maior proximidade e envolvimento com as atividades, projetos, modos de vida e os

costumes locais. Para Irving (2009, p. 33) “o turismo comunitário proporciona, ainda, uma maior interação entre a comunidade e o turista, baseada no turismo responsável de respeito aos costumes de cada um e a troca de valores e aprendizagem mútua”.

O turismo comunitário oportuniza que visitantes, estudantes, professores, pesquisadores, obtenham contato com os modos de vida tradicionais, sobre conservação e preservação com pessoas que vivenciam esses fatos diariamente. Diante deste novo contexto, o quadro 4 discorre sobre as dificuldades para trabalhar com o turismo comunitário. Os pontos discutidos pelos participantes, estão expressos a seguir.

Quadro 4: Dificuldades para trabalho e desenvolvimento do turismo comunitário

ENTREVISTADO	RESPOSTA
Entrevistado 01	<i>“Principalmente a falta de incentivo financeiro e capacitação para os comunitários, esses são um dos pontos mais difíceis de trabalhar com esse tipo de turismo.”</i>
Entrevistado 02	<i>“Principalmente a estrutura que não é tão adequada. Não tem tanta visão voltada para essa prática, sendo que poucas pessoas exercem essa função de trabalho comunitário, mas principalmente não tem uma organização bem adequada em relação a isso.”</i>
Entrevistado 03	<i>“Não ter um ponto de apoio para servir melhor o turismo.”</i>
Entrevistado 04	<i>“Pra mim é só por conta que não tenho uma residência minha, pois eu moro com meus avós, e pra mim não tendo uma residência fixa, torna uma dificuldade.”</i>
Entrevistado 05	<i>“Então, eu já participei de muitas reuniões, de muitos eventos assim, e na grande maioria deles a gente fala do turismo de base comunitária, e eu acredito que minhas perspectivas sejam boas porque é um coisa que eu vejo em visão que dá super é certo e também a gente vê alguns interesse partindo de moradores, é uma transformação que se a gente conseguir fazer não vai ser com todo mundo de primeira mão, mas a nossa perspectiva é de iniciar com um pequeno grupo e aos poucos os outros comunitários consigam ver que realmente dá certo e possam implantar também né? Sem aquela preocupação “ah porque meu quarto é pequeno, porque minha casinha é de barro”, enfim a gente quer mostrar o modo de fato como a gente vive, sem se preocupar com a facilidade da cidade como o ar-condicionado e essas coisas, a gente quer mostrar com o turismo como a forma que vivemos. Às vezes as dificuldades são constantes, a gente tem dificuldade em mobilizar o pessoal de acreditar de levar o pessoal a um encontro a uma reunião quando acontece, e botar realmente na mente dele que dá certo, mas a gente sempre bate na mesma tecla que a gente possa um dia ver pelo menos a metade da população desenvolvendo essa atividade, porque hoje o turismo para a nossa região cada dia que passa só está aumentando, então estamos tendo a oportunidade e alguns já estão aproveitando.”</i>

Fonte: Pesquisa direta (2021).

No quadro acima, os participantes relatam sobre as dificuldades para a prática do turismo comunitário como falta de apoio financeiro, organização, capacitações, preocupações com o

aspecto da residência para receber os visitantes, é perceptível que os moradores ainda têm receio de desenvolverem suas atividades por conta própria. Relatam as dificuldades por falta de incentivo financeiro, capacitações para os comunitários, falta de uma organização adequada para essa prática e falta de estrutura para servir de ponto de apoio. Foi relatado também sobre o aspecto da residência, em que os moradores querem abrir suas casas para a prática desse turismo sem se preocupar com os aspectos da estrutura física, como também evitar preocupação com objetos da cidade como ar-condicionado. O intuito dessa prática é mostrar para os visitantes a forma como os moradores vivem no local.

Em outro aspecto, é relatado sobre a dificuldade dos moradores em se mobilizarem para participar das reuniões e encontros com o intuito de discutir sobre ideias para beneficiar os comunitários, pois atualmente o turismo na região está em constante crescimento e essas ideias são oportunidades a todos. Por fim, o quadro 5 retrata sobre as expectativas futuras para a Resex, em diferentes versões de acordo com cada participante.

Quadro 5: Expectativas futuras para a Resex

ENTREVISTADO	RESPOSTA
Entrevistado 01	<i>“Que nossa Resex possa se desenvolver cada vez mais e as comunidades também possam se desenvolver. Que as pessoas se tornem mais conscientes sobre o meio ambiente, natureza, a importância da conservação e preservação a nossa Resex. E que as associações e comunidades possam se unirem para buscar cada vez mais projetos, benefícios, parceiros para poder buscar cada vez mais a mais a melhora da Resex.”</i>
Entrevistado 02	<i>“Que tenha mais organização, estrutura, que tenha mais visibilidade que os jovens da Resex queiram participar e ingressar mais nessa área que a cada vez mais vem crescendo.”</i>
Entrevistado 03	<i>“Que as pessoas tenham mais consciência de preservar a Resex, assim cuidando da área de preservação, não desmatando e que cada um cuide a limpeza de sua comunidade, pois infelizmente ainda tem gente que não tem consciência do que faz.”</i>
Entrevistado 04	<i>“Espero que venha mais projetos, mesmo que não venha pelo Asas para o Delta, venha por outros meios pois a gente sempre está querendo buscar melhorias para dentro da comunidade, então espero que além do Asas dar continuidade, que venham mais projetos para que gente possa estar capacitando nossos jovens para que futuramente eles possam estar cuidando da nossa Resex.”</i>

Entrevistado 05	<p><i>“Bom, eu tenho tantas expectativas futuras. Eu tenho um sonho de ver não somente a comunidade onde eu moro, mas como também as outras comunidades que estão localizadas dentro da Resex que a população tenha uma evolução vinda deles mesmo, sabe? Que não precisem vir pessoas de fora para tomar nosso espaço e construir grandes construções e que no futuro a gente possa até ser expulsos de lá. Então, eu quero que a gente possa ter essas construções, mas vindas dos próprios comunitários, para que a gente possa evoluir por conta de nós mesmos para que a gente possa viver bem e morar onde nós gostamos de morar, já que acredito que todos os moradores se sentem felizes em morar na Resex. Tenho expectativas de melhora de vida, qualidade de vida também porque quando você mora em uma área urbana você passa a consumir alimentos industrializados, aqui a gente também consome alimentos industrializados, porém em uma quantidade reduzida comparada com quem mora na cidade, pois no campo você tem aquela coisa orgânica. Então, é qualidade de vida e que as pessoas possam ter uma boa moradia na Resex.”</i></p>
-----------------	--

Fonte: Pesquisa direta (2021).

Ao finalizar com a análise do quadro 5, foi possível perceber o envolvimento e preocupação com a conservação e preservação da Resex, juntamente com expectativas para projetos, organização, estruturação local e trabalho em conjunto das cinco comunidades para crescimento e desenvolvimento da qualidade de vida e evolução dos próprios moradores para alcançarem objetivos.

O turismo comunitário pode vir a fortalecer a organização social, especialmente para a juventude, como um meio participativo. Essa forma de turismo pode proporcionar para os jovens uma nova atividade que ocorra a identificação e o interesse por parte deles, esse viés pode ser uma alternativa para o crescimento da participação de jovens e adultos dentro das ações na comunidade. Destarte, surge a oportunidade de capacitações para colocar essa atividade em prática, com o intuito da integração da juventude em atividades e funções dentro da comunidade. A juventude pode contribuir para a articular atividades, empreendimentos e ações para receber visitantes na localidade para a prática do turismo comunitário, de maneira que esses jovens façam parte do processo para articular e contribuir com a execução dessa prática.

Fica notório na fala dos entrevistados, em relação com a importância de fatores internos da comunidade, como união e participação dos moradores nos projetos e reuniões com o intuito do desenvolvimento para as comunidades, em busca de ações que fortaleçam as atividades desempenhadas por moradores, enfatizando o interesse com capacitações com o intuito do fortalecimento juvenil para ingressar e prosseguir com o trabalho desenvolvido por essas lideranças. Ressaltando sobre a importância da conscientização para a conservação local, pois a Resex é uma unidade de conservação e os residentes locais possuem a preocupação em manter os visitantes informados a respeito da preservação local.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação da juventude é um forte aliado para o fortalecimento das ações voltadas para o seu local de origem juntamente com a tecnologia, um fator que está cada vez mais presente no dia a dia, de forma que a união desses dois fatores contribua para o desenvolvimento local. A internet é uma ferramenta fundamental, assim sendo é necessário pensar no processo de adaptações de forma que as comunidades possam utilizar-se desta tendência para inovar esses encontros, com o objetivo que essas mudanças aumentem o interesse da juventude em voltar a participar dos encontros e atividades propostas em seu meio de vivência.

Com o intuito de compreender o aspecto participativo da juventude na Reserva Extrativista Marinha do Delta do Parnaíba, realizou-se a presente pesquisa para analisar o interesse dos jovens e adultos em atuar no processo participativo de gestão da Resex. Constatou-se que o aspecto participativo da juventude se encontra em escassez nas comunidades, por fatores já abordados neste estudo.

Dessa forma, foi possível identificar nas entrevistas assuntos retratados como aspectos para melhorias no desenvolvimento de atividades para obter um número maior de participações. O estudo ainda indica o uso de metodologias como DRPE, já utilizadas em outros segmentos como o turismo comunitário, turismo rural e agroturismo, com métodos e técnicas de intervenção participativa para identificação de problemas, e construção de ações e soluções a partir do diálogo. É correto afirmar que a entrevista foi um instrumento importante na obtenção de informações detalhadas, o que facilitou para a elaboração do resultado alcançado ao final da pesquisa, em virtude da inviabilidade de encontrar esses dados em qualquer outra fonte de pesquisa.

O turismo comunitário pode vir a ser uma forma de despertar o aspecto participativo da juventude, de modo a oportunizar o desenvolvimento de novas atividades, bem como despertar para o empreendedorismo local. A atividade turística comunitária poderá contribuir ainda na inclusão dos jovens no processo de gestão da reserva extrativista. Após a realização desse estudo, indica-se a realização de novas pesquisas utilizando-se de metodologias participativas com os jovens, para maior aproximação e compreender e expressar suas indagações e explicar na visão da juventude como funciona esse aspecto participativo para eles.

Mediante os resultados alcançados é perceptível a importância da continuidade da pesquisa, utilizando-se de metodologias participativas com os jovens, assim como projetos de extensão universitária que permitam a inclusão de novas ferramentas e maior envolvimento da juventude na gestão da unidade de conservação. Espera-se que o estudo em questão possa auxiliar para pesquisas futuras e despertar o interesse para desenvolver-se mais trabalhos que explorem essa temática.

REFERÊNCIAS

Brasil. Sistema Nacional de Unidades de Conservação (2000). *Lei no 9.985, de 18 de julho de 2000*. Brasília–DF: Senado.

Brasil. Ministérios da Educação e do Meio Ambiente. Programa Juventude e Meio Ambiente. In: _____. *Guia de políticas públicas de juventude*. Brasília: Secretaria Geral da Presidência da República, 2006.

Carneiro, M. J., & de Castro, E. G. (2007). *Juventude rural em perspectiva*. Mauad Editora Ltda.

Carvalho, R. D. C. P. D. (2018). *As territorialidades institucionais e dos empreendimentos econômicos turísticos na APA e Resex Marinha Delta do Parnaíba*.

CNUC & MMA. (2019). Cadastro Nacional de Unidades de Conservação. Tabela consolidada das Unidades de Conservação. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/areasprotegidas/cadastro-nacional-de-ucs>. Acesso em 05 nov. 2021.

Coriolano, L. N. M. T. (2009). O turismo comunitário no nordeste brasileiro. In: BARTHOLLO, R.; SANSOLO, D. G; BURSZTYN, I (Org). *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 277-288.

Cunha, C. C. (2010). Reservas extrativistas: institucionalização e implementação no estado brasileiro dos anos 1990. *Rio de Janeiro*.

de Almeida, M. E. B. (2005). Tecnologia na escola: criação de redes de conhecimentos. In: ALMEIDA, M.E.B & MORAN (Org), J.M. *Integração das Tecnologias na Educação*. (p. 70-73). Brasília: SEED-MEC.

Minayo, M. C. S., Deslandes, S. F., & Gomes, R. (2011). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes Limitada.

Diegues, A. C. (1996). *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec.

Galizoni, F. M., & Ribeiro, E. M. (2019). Ouvindo silêncios: Daniel Hogan, o mundo rural e a natureza. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 36.

Giddens, A. (1991). *As conseqüências da modernidade*. São Paulo, Editora Unesp, 69-70.

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (Vol. 4, p. 175). São Paulo: Atlas.

ICMBio. Instituto de Conservação da Biodiversidade (2018). *ICMBio em foco*. Extrativistas do Delta do Parnaíba Recebem CCDRU. Brasília.

Irving, M. D. A. (2009). Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária. *Bartholo, R*, 108-121.

Kinzel, E. M. (2013). *Motivação e atuação dos jovens no turismo rural: uma análise do Roteiro Caminho das Pipas, Boa Esperança, Rolante, Rio Grande do Sul*.

Lakatos, E. M. & Marconi, M. D. A. (2005). Metodologia científica. (Vol.3). São Paulo: Atlas.

Mendes, C. (1990). A luta dos povos da floresta. In: GEOGRAFIA: Pesquisa e prática social. *Revista Terra Livre (orgs)*. n. 7. São Paulo.

Navarro, Z. (2001). Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. *Estudos avançados*, 15, 83-100.

Palmeira, A. B. P. & Gewehr, R. B. (2015). Existe uma Weltanschauung da Psicanálise? *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)*, 37(32), 63-84.

Pereira, J. R., & Little, P. E. (2000). DRPE Diagnóstico Rural Participativo Emancipador: a base para o desenvolvimento sustentável dos assentamentos da reforma agrária. *Cadernos de Ciência e Tecnologia, EMBRAPA*.

Pereira, J. R. (2017). *Diagnostico Participativo. O método DRPE*. Santa Catarina: Perito

Sander, C. (2010). Juventude e participação: um processo pedagógico. In: *Proceedings of the 3rd III Congresso Internacional de Pedagogia Social*.

Silva, A. G. D. (2017). *Ethos Seringueiro: Cenários dos Jovens da Reserva Extrativista Chico Mendes*. Dissertação (Mestrado de Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia). Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus. Disponível em: < <https://bdt.inpa.gov.br/bitstream/tede/2646/5/Ethos%20Seringueiro%20-%20vers%C3%A3o%20final%20Anselmo.pdf> >.

Silva, A. G., da Silva, F. C. & Yamada, T. (2019). Reprodução social de populações tradicionais e pecuária na Reserva Extrativista Chico Mendes: reflexões a partir dos projetos de vida de jovens extrativistas. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 52.

Vasconcellos, A., & Mello, R. L. S. (2019). A linguagem fotográfica como recurso pedagógico visual e reveladora da cultura extrativista. *Matéria-prima*, 7, 183-193.

Vaz, D., Rochet, F., Santos, J., & Spínola, M. (2006). Guia de Políticas Públicas de Juventude. *Brasília: Secretaria-Geral da Presidência da República*, 200-214.

Vieira, V. B. *Mesa redonda - unidades de conservação: riscos à sua integridade sob a perspectiva fundiária*. jun. 2021. (57m36s). Publicado pelo canal Coruc Oficial. Disponível em: < <https://youtu.be/7B5p7EyqwOQ> >. Acesso em 29 nov. 2021.

ANEXOS

ANEXO I - NORMAS DA REVISTA TURRYDES

TÍTULO DEL ARTÍCULO EN MAYÚSCULAS, CENTRADO, EN NEGRITA Y NO MÁS DE 15 PALABRAS.

Nombre y apellidos del primer autor/a
Categoría. Nombre de la Institución
ORCID
e-mail

Nombre y apellidos del segundo autor/a
Categoría. Nombre de la Institución.
ORCID
e-mail

...

Correspondencia:

1. RESUMEN

El resumen deberá tener un solo párrafo que no exceda las 250 palabras. Deberá seguir el formato IMRYD. Se trata de un resumen de los elementos más importantes de su artículo, exponiendo la justificación y objeto de la investigación, la metodología empleada, los principales resultados y las conclusiones más destacadas. También será necesario incluir entre 5 y 8 palabras clave que definan el tema tratado en el texto y que permitan identificar el trabajo.

Palabras clave: Entre 5 y 8. Separadas por comas. Se recomienda emplear los tesauros Unesco.

TITLE IN ENGLISH

Abstract

The abstract should have a single paragraph that does not exceed 250 words. It should follow the IMRYD format. It is a summary of the most important elements of your article, stating the justification and object of the research, the methodology used, the main results and the most outstanding conclusions. It will also be necessary to include between 5 and 8 keywords that define the topic covered in the text and that allow the work to be identified.

Keywords: Between 5 and 8 words. Separated by commas. It is recommended to use Unesco thesauri.

(Se o artigo for em português)

TÍTULO EN PORTUGUÉS

Resumo

O resumo deve ter um único parágrafo que não exceda 250 palavras. Deve seguir o formato IMRYD. É um resumo dos elementos mais importantes de seu artigo, informando a justificativa e o objeto da pesquisa, a metodologia utilizada, os principais resultados e as conclusões mais destacadas. Também será necessário incluir entre 5 e 8 palavras-chave que definam o tema abordado no texto e que permitam a identificação do trabalho.

Palavras-chave: Entre 5 e 8. Separado por vírgulas. Recomenda-se o uso de tesouros da Unesco.

INTRODUCCIÓN

El cuerpo del texto de seguir el formato de la plantilla. Margen superior e inferior, Izquierdo y derecho de 2,5 cm; letra Arial de 10 puntos; espacio entre líneas de 1,5; justificado y. La extensión del artículo debe comprenderse entre 5000 y 7500 palabras.

Subtítulos (inicial en mayúscula y alineados a la izquierda)

El artículo debe seguir el formato IMRYD. Utilice la voz activa, en lugar de la voz pasiva, ya que ésta última se debe utilizar en su escritura. Se deben seguir las directrices de la normativa APA 7 para figura y para las tablas.

Utilice títulos y subtítulos para organizar las secciones de su artículo. No comience una nueva página por cada título.

METODOLOGÍA

Diseño de investigación

Para las citas se debe seguir la normativa APA 7ª ED. Las fuentes originales deberán ser documentadas en el cuerpo del artículo, citando los autores y fechas de publicación de las fuentes. La fuente completa aparecerá en la lista de referencias al final del artículo, siguiendo el cuerpo del mismo. Cuando los autores de una fuente que no

forman parte de la estructura formal de la oración, tanto los autores y años de publicación aparecerán entre paréntesis, separados por punto y coma, por ejemplo (Smith y Jones, 2001; Anderson et al., 2003). Cuando se cita una fuente que tiene tres, cuatro o cinco autores, todos los autores se incluyen la primera vez que la fuente sea citada. Cuando esa fuente se cita de nuevo, se utiliza el apellido del primer autor y "et al.". Vea el ejemplo en el párrafo siguiente.

Muestra

El uso del estándar APA "dará lugar a una impresión favorable en su profesor" (Smith, 2001). Esto fue confirmado de nuevo en 2003 por el profesor Anderson (Anderson et al., 2003). Cuando se cita una fuente que tiene dos autores, ambos autores se citan cada vez. Si hay seis o más autores a ser citados, usar el apellido del primer autor y "et al.". la primera y cada vez subsiguiente que ha sido citado. Cuando se utiliza una cita directa, siempre incluya el autor, año y número de página como parte de la citación. Una cita de menos de 40 palabras, debe estar encerrado entre comillas dobles y debe ser incorporado en la estructura formal de la sentencia. Una cita más larga de 40 palabras o más, debería aparecer (sin comillas) en formato de bloque con cada línea con sangría de cinco espacios desde el margen izquierdo.¹

RESULTADOS Y DISCUSIÓN

Tabla/Figura 1

Título de la tabla.

Items	Frecuencia	Desviación típica
Item 1	5	2
Item 2	6	1
Item 3	5	2
Total	16	

Nota. Para reflejar posible explicaciones de la tabla y referenciar la fuente.

Subtítulo 2

CONCLUSIONES

REFERENCIAS

(Se recomienda emplear, al menos, un 75% de referencias de los últimos 5 años y de carácter internacional. Se debe seguir, escrupulosamente, la normativa APA 7ª ED.)

Anderson, B., Charles, C. & Johnson, L. (2003). *The impressive psychology paper*. Lucerne Publishing.

Smith, M. (2001). Writing a successful paper. *The Trey Research Monthly*, 53(1), 149-150. <https://doi.org/10.15366/reice2016.14.4.002>.

Bolívar, A. y Murillo, F. J. (2017). La escuela importa. Los efectos diferenciales de la escuela y el liderazgo en la equidad. En J. Weinstein y G. Muñoz (Eds.), *Mejoramiento y liderazgo en la escuela. Once miradas* (pp. 71-112). CEDLES.